

# Motrivivência

Revista de Educação Física, Esporte e Lazer  
LaboMídia

## “Não torço pra nenhum time, não sei as regras e se me convidam pra jogar eu não jogo”: a relação das meninas menos habilidosas com o conteúdo futebol/futsal nas aulas de Educação Física

### RESUMO

Os futebolis ainda não se constituem como uma prática integrante na dinâmica de vida de muitas mulheres no Brasil. Para buscar entender as relações e os motivos que as fazem não vivenciar estas determinadas modalidades, este artigo aborda as experiências de mulheres menos habilidosas com as aulas de futebol/futsal na Educação Física escolar. A partir do aporte teórico/metodológico da História Oral foram realizadas dezoito entrevistas com mulheres adultas que tiveram contato com a modalidade na escola, mas que hoje não possuem ligação com estes esportes. Através dos relatos, conclui-se que o desinteresse pelo futebol/futsal por parte das meninas menos habilidosas e a resistência dos meninos em jogar com as meninas, são resultado de tecnologias de gênero que constituem não só os alunos e alunas, mas também os professores/as que acabam sendo agentes que contribuem para as normas sociais de gênero estabelecidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação física escolar; Futebol, Futsal; Gênero; Mulheres menos habilidosas

### Marina Gomes Schönardie

Licenciada e Bacharel em Educação Física  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
Departamento de Educação Física, Fisioterapia e  
Dança, Porto Alegre, Brasil  
[marinaschonardie@gmail.com](mailto:marinaschonardie@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-8446-3322>

### Pâmela Siqueira Joras

Doutora em Ciências do Movimento Humano  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
Departamento de Educação Física, Fisioterapia e  
Dança, Porto Alegre, Brasil

[pamelajoras@hotmail.com](mailto:pamelajoras@hotmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-9357-1018>

### Martina Burch

Mestre em Educação Física  
Universidade Federal de Pelotas, Escola  
Superior de Educação Física, Pelotas, Brasil  
[martinagbc1@gmail.com](mailto:martinagbc1@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-7487-2026>

### André Luiz dos Santos Silva

Doutor em Ciências do Movimento Humano  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
Departamento de Educação Física, Fisioterapia e  
Dança, Porto Alegre, Brasil

[andrels@ufrgs.br](mailto:andrels@ufrgs.br)

<https://orcid.org/0000-0002-9838-2558>

**“I don't support any team, I don't know the rules and, if they invite me to play, I don't play...”: The relationship of less skilled with the football/futsal content in Physical Education classes**

## **ABSTRACT**

Football is not yet an integral practice in the life dynamics of many women in Brazil. In order to seek to understand the relationships and the reasons that make them not experience these certain modalities, this article addresses the experiences of less skilled women with soccer/futsal classes in school Physical Education. From the theoretical/methodological contribution of Oral History, eighteen interviews were carried out with adult women who had contact with the modality at school, but who today have no connection with these sports. Through the reports, it is concluded that the lack of interest in soccer/futsal on the part of the less skilled girls and the resistance of the boys to play with the girls, are the result of gender technologies that constitute not only the students, but also the teachers. who end up being agents that contribute to established social gender norms.

**KEYWORDS:** School physical; Football, Futsal; Gender; Less skilled women

**“No apoyo a ningún equipo, desconozco las reglas y si me invitan a jugar no juego...”: La relación de las menos hábil con los contenidos de fútbol/fútbol sala en las clases de Educación Física**

## **RESUMEN**

El fútbol aún no es una práctica integral en la dinámica de vida de muchas mujeres en Brasil. Con el fin de buscar comprender las relaciones y las razones que hacen que no experimenten estas determinadas modalidades, este artículo aborda las experiencias de mujeres menos hábiles con las clases de fútbol/fútbol sala en la Educación Física. A partir del aporte teórico/metodológico de la Historia Oral, se realizaron dieciocho entrevistas a mujeres adultas que tuvieron contacto con la modalidad en la escuela, pero que hoy no tienen vinculación con estos deportes. A través de los informes se concluye que el desinterés por el fútbol/fútbol sala por parte de las niñas menos habilidosas y la resistencia de los niños a jugar con las niñas, son resultado de tecnologías de género que constituyen no solo a los estudiantes, sino también los docentes, quienes terminan siendo agentes que contribuyen a las normas sociales de género establecidas.

**PALABRAS-CLAVE:** Educación física escolar; Fútbol, Fútbol sala; Género; Mujeres menos calificadas

# INTRODUÇÃO

Entre tantas práticas corporais, os “futebóis<sup>1</sup>” se apresentam como o fenômeno esportivo/cultural mais popular no Brasil, envolvendo valores morais, culturais, sociais, econômicos, políticos e ideológicos. Tornou-se um patrimônio da humanidade e pode ser compreendido como um fenômeno plural e complexo, pois continuamente ganha mais adeptos e se manifesta em diferentes cenários (Aline VIANA; Helena ALTMANN, 2015)<sup>2</sup>. Apesar de ser um espaço historicamente ocupado por homens, as mulheres vêm a cada dia tendo mais representatividade no mundo do Futebol e Futsal.

Atualmente, as meninas frequentam esses campos não só para assistir, mas, também como praticantes, árbitras, membros de comissão técnicas, comentaristas esportivos. (Eustáquia SOUSA; ALTMANN, 1999). Algumas mulheres têm assumido cargos importantes dentro de clubes e federações, na arbitragem, na mídia esportiva e dentro de campo. Como exemplo disso, podemos citar, que em 2020, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) apresentou Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)<sup>3</sup> e Aline Pellegrino respectivamente como coordenadoras das Seleções Brasileiras e de Competições Femininas, além de Ana Paula Oliveira, que, em 2021, tornou-se a primeira mulher a ocupar a presidência de uma Comissão de arbitragem no Brasil junto a Federação Paulista de Futebol. Após leis de incentivo e desenvolvimento do futebol de mulheres advindas de instituições nacionais e internacionais como FIFA<sup>4</sup> e CBF<sup>5</sup>, temos presenciado o aumento de competições e clubes que tem visibilizado as mulheres em nível profissional, amador e categorias de base.

---

<sup>1</sup> Essa expressão surge para pensar outros “futebóis”. Ou seja, futebol amador, futebol de várzea, o futebol de rua, o futebol de mulheres, dentre outros. Atualmente, essa noção ajudou a pensar discussões e implicações políticas que perpassam as práticas não hegemônicas, como por exemplo, o futebol/futsal jogado por mulheres, os quais investigaremos ao longo deste artigo (Arlei DAMO, 2019). Ademais, resolvemos adotar o termo “futebóis” e “futebol/futsal” grafados em letra minúscula devido a duas questões: a primeira delas é estrutural, ressaltando que muitas escolas não têm quadras específicas de futebol de salão ou futebol de campo, e a segunda questão é política, demarcando uma multiplicidade de manifestações de práticas correlatas ao futebol.

<sup>2</sup> Neste artigo utilizaremos nome e sobrenome das/os autoras/es na primeira vez que forem citadas/os no texto. Nosso objetivo é evidenciar a produção acadêmico-científica de mulheres (Dagmar MEYER; André SILVA, 2020).

<sup>3</sup> Duda Luizelli se manteve no cargo por dois anos. Em 2022, o cargo de coordenação foi modificado, pela CBF, por cargos de Supervisão de Seleções e de Competições Femininas, assumidos respectivamente por Ana Lorena Marche e Amauri Nascimento.

<sup>4</sup> No que diz respeito à igualdade de gênero, a primeira vez que a FIFA incluiu a palavra gênero entre suas proposições do estatuto da entidade foi no ano de 2016. A partir dessa inserção, um aumento de políticas de incentivo às mulheres começou a ser realizada (Almeida, 2018).

<sup>5</sup> No ano de “[...] 2017, a CONMEBOL anunciou novas regras aos clubes participantes da Copa Libertadores da América e da Copa Sulamericana: a partir de 2019, para jogar na competição, os clubes teriam que possuir uma equipe de Futebol Feminino participante de campeonato oficial[...]. Na mesma data, também foi lançada pela Confederação Sulamericana o Regulamento do Programa de Evolução, com o intuito de permitir o crescimento de todas as categorias de futebol membros da instituição. A medida prevê o destino de 20% do fundo do programa à criação e manutenção de torneios de Futebol Feminino, de abrangência nacional e internacional” (ALMEIDA, 2018, p.157-158).

Mesmo as mulheres brasileiras tendo praticado os futebóis desde o início do século XX, é visível que essa participação foi menor do que a dos homens, principalmente, devido aos decretos oficiais que proibiam os clubes a investirem em políticas de inclusão das mulheres no esporte (Silvana GOELLNER, 2005).

É importante destacar que em diferentes espaços e tempos as mulheres pensaram estratégias para viver os futebóis e através dele exercer o direito de falar em seu nome e em nome de outras que, por inúmeros motivos, não o fizeram (GOELLNER, 2021). A busca pela igualdade de gênero e pelo espaço e permanência das mulheres dentro do esporte é constante. Uma importante forma de aumentar a visibilidade e a participação de meninas na modalidade é apresentá-las desde cedo na escola, pois muito mais que aspectos técnicos e táticos, os futebóis podem colocar em pauta diferentes temas, dentre os quais, o racismo, a homofobia e as relações de gênero, evitando episódios de preconceito e discriminação (Simone FERNANDES; ALTMANN, 2020).

Entretanto, o que tem sido vivenciado pelas meninas no ambiente escolar está longe de ser um espaço de aprendizado e representatividade. O “desinvestimento pedagógico<sup>6</sup>” por parte de alguns professores pode tornar essa modalidade uma ferramenta para manutenção das normas de gênero estabelecidas na sociedade. A falta de abordagens pedagógicas participativas, bem como a associação histórica do futebol ao universo masculino parece estar contribuindo para a exclusão das meninas, principalmente as menos habilidosas.

A ausência de oportunidades de aprender e de participar acabam reforçando a inaptidão e o desencorajamento das meninas. Talvez, em consequência disso, muitas delas evitem praticar a modalidade, seja na escola ou em ambiente de lazer, pois acabam internalizando que a falta de habilidade é algo inerente ao seu gênero.

Para muitas mulheres os futebóis não se constituíram como prática corporal integrante de suas dinâmicas de vida, mesmo que tenham tido contato com tais modalidades ao longo do período escolar. Neste sentido, o foco deste texto centra-se em fragmentos das memórias daquelas que não estabeleceram, seja como espectadoras, seja como praticantes, relações com os futebóis. Especificamente, o artigo investiga as experiências vividas por essas mulheres ao longo das aulas de futebol/futsal da escola, buscando compreender como se relacionavam com os futebóis nas aulas de Educação Física.

---

<sup>6</sup> Também chamado de abandono pedagógico, esses termos têm sido utilizado por autores como Machado e colaboradores, 2010 e Gozales e colaboradores, 2013, para designar a prática de professores chamados de “rola-bola”. Sujeitos cuja ação docente centra-se em observar as práticas escolhidas e auto-organizadas pelos alunos. Desse processo, as relações de gênero colocam os meninos em condição de domínio dos tempos e espaços da aula, bem como o futebol/futsal como prática central desses momentos. Na próxima sessão deste artigo esta discussão será retomada.

# 1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Metodologicamente, este estudo ouviu dezoito mulheres de 18 a 32 anos de idade, que tenham tido contato com o futebol/futsal nas aulas de Educação Física escolar, mas que atualmente não tenham ligação com as referidas modalidades. O grupo entrevistado foi composto por ex-alunas de escolas públicas e particulares que vivem nas regiões Metropolitana e Serra Gaúcha do Estado do Rio Grande do Sul<sup>7</sup>.

Tabela 1 – Perfil do grupo entrevistado

Nome (fictício)	Idade	Cidade	Rede escolar	Data da Entrevista	Local da Entrevista
Brenda	23	Porto Alegre	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)
Bruna	19	Gravataí	Privada	Agosto 2021	Online (Meet)
Fernanda	28	Gravataí	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)
Gabriela	22	Arroio dos Ratos	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)
Helena	23	Porto Alegre	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)
Isabela	18	Nova Petrópolis	Ambas	Agosto 2021	Online (Meet)
Julia	21	Gravataí	Privada	Agosto 2021	Online (Meet)
Katia	24	Cachoeirinha	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)
Luiza	20	Gravataí	Ambas	Agosto 2021	Online (Meet)
Luna	20	Farroupilha	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)
Mirian	31	Porto Alegre	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)
Mônica	19	Cachoeirinha	Privada	Agosto 2021	Online (Meet)
Nathalia	22	Gravataí	Privada	Agosto 2021	Online (Meet)
Patrícia	24	São José do Hortêncio	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)
Rita	24	Glorinha	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)
Roberta	24	Sapucaia do Sul	Privada	Agosto 2021	Online (Meet)
Tiffany	29	Gravataí	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)
Valentina	26	Gravataí	Pública	Agosto 2021	Online (Meet)

Fonte: Elaborado pela autoria

Devido à pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas e gravadas de forma remota, mediante a plataforma Google Meet. Todo o processo de produção dos depoimentos esteve

<sup>7</sup> A fim de preservar a identidade das colaboradoras, foram dados nomes fictícios a cada uma. Foram definidos como critérios de exclusão mulheres atletas de Futebol/Futsal e mulheres que praticam essas modalidades como atividade de lazer e mulheres que tiveram aulas de Educação Física de forma separada dos meninos na escola.

apoiado nos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral, que concebe as narrativas orais como operações de um passado no presente imediato das pessoas. Assim, a história contada é tomada como uma história possível, um registro que não deve ser compreendido como a verdade de um determinado tempo, mas uma versão muito particular dos modos de se entender a experiência vivida (Lucília DELGADO, 2017). Os procedimentos das entrevistas estiveram alinhados ao Manual Básico do Projeto Garimpendo Memórias<sup>8</sup>, que adota as seguintes etapas: identificação das mulheres a serem entrevistadas, criação do roteiro de entrevistas e realização das entrevistas com a gravação digital. Os registros em arquivos de áudio são processados por meio da transcrição com posterior copidesque, que consiste em uma revisão do texto, tendo em vista correções gramaticais e ortográficas e uma leitura final para revisão (CEME, 2017).

Os depoimentos foram analisados obedecendo ao ciclo de cinco fases, proposto por Robert Yin (2016), qual seja: compilação, decomposição, recomposição e interpretação dos dados e a conclusão.

Cabe ressaltar que todo o processo metodológico da pesquisa esteve ancorado no conceito de gênero como uma categoria analítica. Isso implica em reconhecer que as instituições sociais, as normas, os símbolos, as leis, os conhecimentos e as políticas de uma sociedade são atravessadas e construídas por meio de representações e pressupostos de feminino e masculino, da mesma forma que estão implicadas com sua produção, ressignificação ou manutenção (Dagmar MEYER, 2004).

Gênero é considerado uma forma primária de exercer poder em nossa sociedade (Joan SCOTT, 1995), o que se manifesta em diversos espaços e por diversos sujeitos. Pesquisadoras como Daniela Finco (2003), Priscila Dornelles (2007), Marina Mariano e Altmann (2016) vêm sinalizando por meio de seus estudos que as aulas de Educação Física são atravessadas por esses pressupostos quando meninos são autorizados a ocupar os espaços das práticas corporais e vivenciá-las de forma distinta das meninas. A quadra, não raras vezes, é tomada como um símbolo de domínio masculino, seja durante as aulas ou durante o recreio (Ileana WENETZ; Marco STIGGER; MEYER, 2013).

No caso do futebol/futsal, o histórico de preconceito, interdições e falta de visibilidade e reconhecimento continua sendo uma barreira para a expansão da prática por mulheres. Argumentos de caráter biológico, cultural e psicológico foram muito utilizados para manter as mulheres longe da modalidade. A exemplo disso, nas aulas de Educação Física escolar, enquanto se têm os futebolis como conteúdo e prática principal, muitas vezes, aos menos habilidosos, entre eles, boa parte das

---

<sup>8</sup> Trata-se de um documento interno do Projeto Garimpendo Memórias, que orienta os procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas. Para outras informações, ver Christiane Macedo, Isabela Berté e Goellner (2016).

meninas, eram oferecidos apenas brincadeiras e outras modalidades, como o basquetebol, o handebol e o voleibol (Osmar SOUZA JUNIOR; Suraya DARIDO, 2002).

## **2 ENTRE A FALTA DE ABORDAGENS PEDAGÓGICAS PARTICIPATIVAS E A RESISTÊNCIA DOS MENINOS, O NÃO ENVOLVIMENTO DAS ALUNAS COM OS FUTEBÓIS.**

Os meninos queriam a quadra só pra eles, [...] não queriam dividir e fazer com que se fosse misto, então tinha bastante resistência. Normalmente, os meninos queriam só eles jogando na quadra e, geralmente, até desprezavam o talento que as meninas também tinham pro futebol (Gabriela).

Os esportes, incluindo o futebol/futsal, são comumente referenciados como uma forma dos meninos exercerem seus privilégios e manterem certa hierarquia nas escolas (ALTMANN, 1998), processo que contribui para a produção e reprodução de desigualdades e distinções, gerando situações que demarcam o que é função dos meninos e o que é função das meninas (Cássia FURLAN; Patrícia SANTOS, 2008). Inseridos em um contexto que associam os futebolis às masculinidades heterocentradas e que historicamente problematiza o acesso e a permanência de mulheres nessa prática esportiva, os meninos citados pelas depoentes pareciam outorgar para si as prerrogativas de ocuparem e comandarem os espaços de prática, assim como determinar quem joga e quem não joga. Mesmo que a autoridade dos/as professores/as incentivasse a inserção e a permanência das meninas nas aulas, a presença delas não era bem recebida pelos garotos. De acordo com Mirian:

O professor tentou incentivar ‘vamos fazer só as gurias jogam’ ou ‘vamos fazer um time misto’ e aí o pessoal que geralmente jogava, que tava acostumado com aquele esquema antigo, não gostou, ficou botando empecilhos, fez cara feia, então isso acabou não evoluindo, não foi pra frente [...]

Longe de ser uma exceção, o relato de Mirian aponta para situação vivenciada recorrentemente pelas entrevistadas. As meninas que reivindicavam espaço nas aulas, foram relatadas pelas depoentes como alunas que, em alguma medida, tornavam as aulas de Educação Física um terreno fértil de conflitos e negociações. Os xingamentos e a indignação dos rapazes criavam um clima hostil e de constrangimento, processo que foi conduzindo cada uma das entrevistadas para as margens da quadra. Mesmo que figuras de autoridade como os professores se colocassem contrários, a sensação de não serem bem-vindas acabava produzindo nas próprias garotas o desejo de não estarem ali. Situação semelhante foi encontrada na pesquisa realizada por Dornelles e David Teixeira (2016), na qual problematizaram o ensino do Futebol na educação física escolar da rede municipal de ensino de Porto Alegre (RS). Como resultado constataram que as aulas giravam em torno de dois pontos: separação de meninos e meninas para a prática, sendo que os meninos ficavam com a quadra e as meninas com o terreno baldio e a rejeição dos meninos ao trabalho misto.

Cabe ressaltar, entretanto, que os tensionamentos e processos de exclusão poderiam ser utilizados como um objeto de intervenção pedagógica, estimulando debates, trocas de experiências entre os alunos e alunas, fazendo com que passassem a entender e respeitar as diferenças e dificuldades uns dos outros (ALTMAN; Eliana AYOUB; Silvia AMARAL, 2011). A partir do momento que as escolas evitam abordar centralmente tais questões, podem contribuir para que falas e atitudes preconceituosas continuem sendo propagadas e práticas de exclusão sejam reiteradas. Perceber e enfrentar esses conflitos deve constituir-se como prática necessária para diminuir os episódios de discriminação (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011). As entrevistas, entretanto, sinalizaram que tais questões não eram problematizadas nas aulas, o que acabava permitindo, além da interdição das meninas nos futebolis, manifestações sexistas e lesbofóbicas dirigidas às garotas que insistiam em participar. De acordo com Gabriela:

Algumas colegas que gostavam muito de jogar futebol [...] eram consideradas como masculinas e fora do que é [...] normal para sociedade. [...] geralmente acabavam sofrendo muito preconceito e os meninos não gostavam de compartilhar a quadra [...] e nem gostavam de deixá-las terem um jogo de futebol feminino, nem de ter futebol misto, porque sempre tem aquela ideia de que a menina joga pior e que vai acabar prejudicando o time.

Fruto de um processo histórico que construiu representações sobre o esporte, o entendimento de que Futebol/Futsal é uma prática viril e, conseqüentemente considerada masculina e masculinizante, pode ser observado, por exemplo, no Decreto-Lei 3.199 de 14 de abril de 1941 que instituía que às mulheres não se permitiria a prática de “desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]” (BRASIL, 1941, s/p.). De acordo com Goellner (2005) a proibição das práticas esportivas como Futebol, Lutas e algumas modalidades de Atletismo legitimava-se por argumentos de cunho biológico como a defesa de uma maternidade sã e o fortalecimento da nação. Cabe ressaltar que os interesses políticos de defesa de uma raça forte para o Brasil, manifestado por meio do Decreto-Lei 3.199 de 1941, estavam apoiados em normas de gênero e sexualidade que atribuíam valor às mães zelosas, belas e femininas, enquanto colocavam à margem aquelas que ousavam resistir ao instituído. Nesse processo, mulheres que ao longo do tempo potencializaram seus corpos por meio das práticas esportivas e atingiram excelência na performance não raras vezes tiveram a autenticidade de seus corpos e sexualidades colocadas sob suspeita (FURLAN; SANTOS, 2008).

O processo cultural no qual estamos inseridos, muitas vezes, acaba reforçando certos preconceitos que limitam a participação de meninas e mulheres na prática dos futebolis. Por ser considerado um esporte de homens, portanto “masculino” e “masculinizante” (DAMO, 2006), o futebol/futsal não é incentivado às meninas, processo que forma alunas que não se interessam e evitam praticar essa atividade nas aulas de Educação Física, assim como nos momentos de Lazer<sup>9</sup>. Situação diferente acontece com os meninos, uma vez que no Brasil o Futebol, por ser considerado

---

<sup>9</sup> Importante ressaltar que o futebol é considerado o primeiro esporte de meninas e mulheres nos Estados Unidos, diferente da cultura brasileira o futebol se apresenta como uma área reservada para homens (Geórgia BALARDIN, 2016).

o mais heterocentrado dos esportes, se coloca quase de forma compulsória para eles<sup>10</sup> (SILVA; Janaina DIEDER; Rafael DULLIUS; Gustavo SANFELICE, 2021). Como efeito, temos uma maior ocupação de espaços nas aulas por parte dos meninos e os processos de desencorajamento e tentativas de interdição constantes das meninas (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002). Segundo as depoentes, os meninos acabavam sendo mais favorecidos à prática e as meninas menos habilidosas eram as mais prejudicadas, uma vez que as oportunidades de aprendizagem da modalidade Futebol/Futsal eram raras. Segundo Luiza:

A professora de educação física [...] deixava a bola no pátio e quem queria jogar jogava e quem não queria não jogava, geralmente quem jogava era os guris né, e os guris já jogam desde sempre [...] então a gente meio que não tinha nem oportunidade de aprender [...] porque eles estavam sempre na quadra e a gente só ia atrapalhar.

A ausência de aulas mais integrativas na Educação Física, principalmente voltadas ao ensino de elementos táticos-técnicos das modalidades futebol e futsal, fazia com que as meninas que não tiveram essa vivência, se sentissem constrangidas em tentar praticar, pois, pensavam que estavam atrapalhando os/as demais que já sabiam e se destacavam no esporte. Segundo a colaboradora Tiffany:

Olha, não participava primeiro porque eu não tenho muito jeito pra essas coisas e, como não foi algo incentivado e nunca teve ninguém com paciência também pra ensinar como é que faz o passe correto e essas coisas assim, então eu não me sentia confortável.

O relato de Tiffany se constitui quase como uma regra entre os depoimentos das ex-alunas que se reconhecem como não habilidosas. Estudos como os de Chaiton Bicalho (2013), Finco (2003), Ribeiro (2018), Karine Godoy, Ludmila Mourão, Ayra Oliveira e Bruna Chaves (2021), Jéssica Coelho, Priscila Martins, Silva e Denise Berlese (2021) apontam que historicamente as meninas e os meninos vêm sendo incentivados a explorarem brinquedos, jogos e brincadeiras considerados adequados a cada sexo. Diferentes instâncias da cultura, ao produzirem representações de gênero associadas ao masculino e ao feminino, produzem como efeito identidades desejáveis e inapropriadas. Os futebolis, como dito, longe de ser uma prática considerada adequada para as mulheres, frequentemente é tomado pelas meninas como uma modalidade a ser evitada. Sob o risco de se tornarem “masculinizadas” ou ainda de serem chamadas de “machorras”, muitas meninas se privaram e/ou foram privadas de vivenciarem e se interessarem por esse esporte. Desse modo, boa parte das meninas apresentam poucos conhecimentos e vivências prévias quando comparadas à boa parte dos meninos. Segundo Valter Bracht e Felipe Almeida (2013), as aulas de Educação Física escolar que poderiam fazer muita diferença para meninas e meninos, principalmente para aqueles/as que não vivenciam momentos de prática esportiva fora da escola, pois oportuniza a eles uma alfabetização esportiva.

<sup>10</sup> Para os garotos que não se vinculam com a modalidade, não é incomum terem sua sexualidade colocada em suspeita, como está presente no texto de Nilson DINIS e Francis LIMA (2009).

Entretanto, o que foi identificado a partir das entrevistas, foi a composição de cenário que tem na escola e nas aulas de educação física em especial um fator que amplia ainda mais as desigualdades de conhecimento, vivência e performance entre os/as habilidosos/as e os/as pouco habilidosos/as. As meninas que não sabiam jogar e não entendiam da dinâmica do jogo, continuavam sem oportunidade de aprender e praticar, enquanto os/as alunos/as que já sabiam apresentavam vivências e conhecimentos prévios acabavam ocupando lugar como protagonistas<sup>11</sup> das aulas enriquecendo seus repertórios motores e de conhecimentos técnicos e táticos. De acordo com a entrevistada Gabriela:

Eu acabava não jogando, principalmente, por não ter aptidão para esportes. Num geral eu tenho bastante dificuldades com esportes e com o futebol não era diferente. Mas, também, em nenhum momento eu fui incentivada a tentar mudar essa perspectiva em mim, de tentar o professor me ajudar nisso, [...] Os professores não nos davam incentivo a tentar. Geralmente quando a gente dizia pro professor que não queria [...] ele nos deixava ficar sentadas e não fazer [...].

De modo semelhante, a depoente Mirian complementa:

[...] eu não tinha muita habilidade, então eu tinha uma certa vergonha de pedir pra jogar, já que o pessoal que geralmente jogava, jogava bem, já entendia das regras, enfim, então pra mim era uma limitação isso, dizer 'por favor, me ensinem'.

Isso aponta para a necessidade de outras abordagens pedagógicas esportivas voltadas ao ensino na rede escolar e, por meio delas, professores/as possam fazer com que haja uma maior participação de alunos e alunas<sup>12</sup> menos habilidosos, bem como agregar a participação das meninas na modalidade. Tais abordagens pedagógicas, como dito, não se constituíam como propostas nas aulas de futebol/futsal. Boa parte das entrevistas sinalizaram ainda um outro agravante, o Futebol/Futsal nas aulas de Educação Física era organizado e conduzido pelos próprios alunos. De acordo com Kátia: “A maioria das aulas era só largar a bola”. De modo semelhante, a colaboradora Tiffany relata: “era aquela coisa de jogar a bola e deixar o pessoal jogar”

Prática bastante difundida na Educação Física escolar, o “abandono pedagógico” (Fernando GONZALES; Paulo FENSTERSEIFER; Renato RISTOW; Ana GLITZ, 2013) ou “desinvestimento pedagógico” (Thiago MACHADO, BRACHT; Bruno FARIA; Claudia MORAES; Ueberson ALMEIDA; ALMEIDA, 2010) caracteriza-se como uma atuação docente centrada na manutenção em algum grau de disciplina e controle da turma por meio de atividades que as entretendam e ocupem. Esse tipo de organização de aula tende a favorecer os alunos com certo conhecimento e

---

<sup>11</sup> “O grupo de protagonistas foi composto por quem participava ativamente de todas as aulas. As pessoas desse grupo corriam atrás da bola, realizavam passes, negociavam as regras com a(o) professor(a), executavam com ânimo e dedicação as propostas. Nunca estavam na periferia da quadra e em nenhuma aula se colocaram fisicamente fora da atividade de aula” (Juliana JACO; ALTMANN, 2017, p.7).

<sup>12</sup> No campo da pedagogia do esporte, distintas metodologias têm o potencial de contribuir para uma maior participação dos alunos e alunas na aprendizagem das diferentes modalidades. A saber: Talvez, havendo a estratégia da utilização de outras abordagens pedagógicas<sup>12</sup> esportivas, como: *Sport Education (SE)*; *Teaching Games For Understanding (TGFU)*; Escola da Bola; Pedagogia do Futebol, dentre outras.

vivência, excluindo outros/as tantos/as que necessitariam de uma proposta com intencionalidade pedagógica bem demarcada, condição das ex-alunas entrevistadas.

Poucas das aulas que a gente teve foram focadas assim [...] na apresentação das regras e utilização das técnicas de jogo. Muitas poucas vezes tivemos times pra jogar, que o perfil feminino podia jogar, mas a gente tinha que lutar por um lugarzinho pra jogar nas aulas (Kátia).

No entanto, de acordo com a colaboradora Patrícia, esse modo de tratar o conteúdo não se estendia a outras modalidades. Segundo a depoente, as aulas que tematizavam o voleibol eram diferentes, sendo ensinados os seus fundamentos, incentivando as meninas a se envolverem com as aulas, proporcionando vivências diversas e apropriações de diversos aspectos que compreendem o esporte:

Já com o vôlei a minha relação era totalmente diferente, porque eu sempre me destaquei, joguei JERGS e as aulas também eram totalmente diferentes, tinha sim bastante jogo por jogo, mas a gente aprendia novas rotações, a gente treinava as transições, treinava saque, então eu conseguia ver os meus avanços e aprimorando técnicas, então fazia muito mais sentido pra mim, então eu jogava com muito mais fervor, por exemplo, já no futebol isso não acontecia e até hoje eu não sei se acontece, então treinar drible, por exemplo, é uma coisa que eu nunca fiz na vida então como é que eu vou saber driblar alguém se eu nunca pratiquei isso, então sempre era os que eram ruins continuavam ruins e os que eram bons e tinham mais facilidade acabavam se destacando.

Por meio da utilização de outros modos de organização do trabalho pedagógico, alunas como Patrícia se sentiram protagonistas e pertencentes do jogo. A depoente ainda apontou que ao longo das aulas conseguiu perceber o seu progresso na modalidade e que o fator motivacional foi primordial para continuar empenhada em treinar voleibol. Mesmo sem grandes experiências anteriores sobre a modalidade, alunas como Patrícia aprenderam nos tempos e espaços das aulas, diferentemente do que foi relatado sobre o futebol/futsal.

### **3 AS NORMAS DE GÊNERO E O PROJETO QUE AFASTA AS MENINAS E ENGAJA OS MENINOS NA PRÁTICA DOS FUTEBÓIS**

Não torço pra nenhum time, não sei as regras, nunca joguei e se me convidam pra jogar eu não jogo porque eu sinto que eu não sei jogar. (Roberta)

O conteúdo do trecho acima, infelizmente não foi apresentado apenas por Roberta. Outras depoentes de diferentes maneiras sinalizaram seus incômodos e suas frustrações com os futebolis. Tomadas neste texto como ex-alunas, não habilidosas e que não estabeleceram relações com essa prática corporal, as dezoito depoentes foram narradas como mulheres cujas trajetórias foram afastadas das distintas manifestações do futebol. Afirmações como: “não sei”, “nunca me ensinaram”, “os meninos resistiam às meninas em quadra”, “eu preferia não brigar” e “nuca fui incentivada” foram constantes em todos os depoimentos. Ao longo do processo das entrevistas,

transcrições e análises, fomos produzindo um caminho argumentativo que endossa o modo como essas mulheres narram a si mesmas – sujeitos que desconhecem os pormenores de uma das mais reconhecidas manifestações culturais do Brasil.

A falta de estímulo das famílias, a oposição dos meninos na escola aliadas a práticas pedagógicas pouco interessadas nas aprendizagens e vivências das meninas produziu como efeito uma lacuna de conhecimentos. A escola que deveria democratizar o saber, no caso das nossas depoentes, funcionou como espaço de privilégios e exclusões. Entretanto, para além das práticas e dos sujeitos nomeados e narrados neste texto, mecanismos produzidos e disparados por gênero dão a ver outros processos que constituem o hiato existente entre os meninos que se reconhecem com os futebóis e as meninas pouco habilidosas.

Tomado como um organizador do social e da cultura, gênero se constitui como conhecimento que atravessa, fundamenta e produz diferentes discursos que forjam o corpo enquanto uma verdade biológica incontestável. Nesse processo que naturaliza os corpos como masculinos e femininos, a heterossexualidade também é produzida como norma, uma vez que é enunciada como manifestação dos princípios e da força da natureza. Ao passo que gênero e sexualidade se constituem como saberes que produzem uma dada inteligibilidade social, determinados modos de ser e se portar são produzidos como desejáveis e legítimos, uma vez que são reconhecidos como normais. Os discursos que vão nomear o que é próprio e adequado para homens e mulheres, entretanto, não são uníssonos e seus processos de estabelecimento vão se dar em meio a um campo de lutas por significação, dinâmica conflitiva que é agenciada por relações de poder e vão produzir um conjunto de técnicas e estratégias nomeadas por Teresa de Lauretis (1989) como “Tecnologias de Gênero”. Tais mecanismos são orientadas “por uma dada racionalidade, articulam-se a outras tecnologias, coordenam e compõem saberes, instrumentos, instituições, produzem e organizam espaços, distribuem objetos e pessoas” (SILVA; MEYER; Roberta RIEGEL, 2021, p.07).

Tomando a especificidade deste estudo, o histórico de não envolvimento daquelas mulheres em atividades relacionadas ao futebol/futsal parece se constituir como manifestação dos mecanismos empreendidos pela “tecnologia de gênero”. Se do ponto de vista dos processos de ensino e aprendizagem dos conteúdos da Educação Física escolar, a lacuna de conhecimento entre os meninos e as meninas se constitui como um problema, do ponto de vista de gênero, significa uma hábil apropriação do que é adequado e desejável para homens e mulheres nas práticas corporais. De forma recorrente as entrevistas sinalizavam sobre os riscos gerados pelos trânsitos das meninas pelas práticas nomeadas como masculinas e masculinizantes. De acordo com Kátia:

Muitas das meninas que queriam [...] jogar e reclamavam por isso, pra ter espaço pra jogar, elas eram chamadas de machorras, de sapatão por reivindicar um esporte que seria supostamente masculino.

A compreensão de que o vínculo com os futebóis poderia gerar suspeitas e exclusões constitui-se como entendimento comum entre as depoentes, uma capacidade de compreender as relações de gênero e o ônus que recai sobre aquelas que tensionam seus mecanismos. Neste sentido, se por um lado os recursos utilizados pelas depoentes para reafirmarem o desconhecimento e a

inabilidade revelam negligências e exclusões, por outro permitem inferir sobre as prerrogativas da insuspeição de seus corpos e sexualidades, afinal as meninas não habilidosas não reivindicam estar num espaço historicamente entendido como masculino e masculinizante.

Seja por meio dos meninos que se opunham, dos/das professores/as que se omitiam ou ainda das meninas que se diziam inaptas e com pouco conhecimento, os mecanismos de gênero parecem orientar suas práticas e condutas num processo relacional que produz indiferenças às exclusões e às não aprendizagens das meninas. Se é possível argumentar que as meninas pouco habilidosas possuem menos conhecimentos e vivências que os meninos que se reconhecem com os futebóis, é possível dizer ainda que essas mesmas meninas são hábeis em decodificar os mecanismos de gênero que atravessam e constituem o futebol.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta investigação apontam que na experiência vivida pelas colaboradoras do estudo a cultura dos futebóis, pensada por homens e para homens, produziu efeitos de afastamento e exclusão de um conjunto de meninas. Para aquelas que ousaram adentrar e permanecer nesses espaços e práticas foram demandadas estratégias de negociação mediadas, em grande medida, pela habilidade técnica e tática. Apesar disso, não raras vezes foram relatadas situações que colocavam sob suspeita os corpos e a sexualidade daquelas consideradas habilidosas, bem como daquelas que reivindicavam espaço de participação.

De acordo com as colaboradoras, as aulas de Educação Física colocavam os meninos numa condição de domínio sobre aspectos técnico-táticos da modalidade, garantindo-lhes a centralidade de ocupar o espaço da quadra e, muitas vezes, de coordenar a atividade durante as aulas. Já para as meninas, em especial as menos habilidosas, eram reservados os espaços às margens, afastadas do aprendizado e também do protagonismo de sua própria experiência.

Os depoimentos das dezoito mulheres de diferentes idades, cidades, e que vivenciaram diferentes realidades, forneceram pistas para a compreensão de que a falta de interesse sobre os futebóis não é algo inerente a elas, mas o resultado de um sistema organizado por gênero que forja incentivos, interdições e hierarquias baseadas nos níveis de habilidade. Como efeito, naturalizam-se lugares sociais e reforçam a privilégios dos meninos no futebol.

Com isso é possível pensar que as normas de gênero produziram não somente o interesse e o desinteresse pelos futebóis, mas os tensionamentos nas aulas mistas, as autorizações para os garotos serem agressivos e autoritários, bem como os consentimentos de muitas meninas. Neste processo, professores e professoras subjetivados pelos agenciamentos das relações de gênero, acabaram sendo agentes que em alguma medida contribuíram para a manutenção de representações que hierarquizavam e distinguiam homens e mulheres no esporte, em especial, no futebol.

Nos contextos relatados, a Educação Física escolar, que deveria fomentar o aprendizado, não só do esporte, mas também de temas como a desigualdade de gênero, a homofobia, o racismo, a violência contra as mulheres etc., acabou sendo, na experiência vivida de nossas colaboradoras, uma ferramenta para a manutenção de hierarquias e discriminações de gênero.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2018.
- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? Florianópolis, **Revista Estudos Feministas**. vol. 19, p. 491-501, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200012>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Belo Horizonte, 1998.
- BALARDIN, Geórgia Fernandes. O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. vol.10, n.36, p.101-109, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6310527>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- BICALHO, Chaiton Washington Cardoso. Brincadeiras infantis e suas implicações na construção de identidades de gênero. Belo Horizonte, **Revista Med Minas Gerais**. vol. 23, n. Supl 2, p. S41-S49, 2013. Disponível em: 10.5935/2238-3182.2013S007. Acesso em: 2 fev. 2023.
- BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. Brasília, **Em Aberto**, vol. 26, n. 89, p.11-14. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.26i89.2736>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- CEME. Projeto Garimpando Memórias, Manual Básico. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte - ESEFID/UFRGS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/123456789/216>. Acesso em 3 fev. 2023.
- COELHO, Jéssica Fernanda Schmitz; MARTINS, Priscila Renata; SILVA, André Luiz dos Santos; BERLESE, Denise Bolzan. Expectativas de gênero e seus atravessamentos nas brincadeiras da educação infantil. Maringá, **Journal of Physical Education**. vol. 32, n.1, p. e3216. 2021. Disponível em: 10.4025/jphyseduc.v32i1.3216. Acesso em: 2 fev. 2023.
- DAMO, Arlei. Futebóis - da horizontalidade epistemológica à diversidade política. Belo Horizonte, **FuLia/UFMG**. vol.3, n.3, p. 37-66. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2526-4494.3.3.37-66>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- DAMO, Arlei Sander. As dramatizações do gênero numa configuração futebolística. **SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO**, Florianópolis. v. 7, p. 1-7, 2006. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/A/Arlei\\_Sander\\_Damo\\_21.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/A/Arlei_Sander_Damo_21.pdf).
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral-memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- DINIS, Nilson Fernandes; LIMA, Francis Madlener de. Pra que time ele joga? a produção da identidade homossexual em um vídeo educativo. Rio de Janeiro, **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. vol. 61, n. 1, p. 49-59. 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229019189006>. Acesso em: 2 fev. 2023

- DORNELLES, Priscila Gomes. **Distintos destinos? a separação entre meninos e meninas na educação física escolar na perspectiva de gênero.** Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2007.
- DORNELLES, Priscila Gomes; TEIXEIRA, David Romão. O ensino do futebol na Educação Física escolar: uma "feminilidade problema" entra em campo. In: Kessler, Cláudia Samuel. (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, vol. 1, p. 89-106.
- FERNANDES, Simone Cecilia; ALTMANN, Helena. A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer. In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (org). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física.** Natal: EDUFRN, 2020. (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE, v. 6). Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/1/6222> . Acesso em 3 fev. 2023.
- FINCO, Daniela F. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. Campinas, **Pro-posições**, vol. 14, n. 3, p. 89-101. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863>. Acesso em: 2 fev. 2023
- FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. Cidade, **Motrivivência**. n. 30, p. 28-43. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2008n30p28>. Acesso em: 2 fev. 2023
- GODOY, Karine Natalie Barra; MOURÃO, Ludmila; OLIVEIRA, Ayra Lovisi; CHAVES, Bruna. Construção das identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeiras. Goiania, **Pensar a Prática**, vol. 24, p. e64935. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v24.64935>. Acesso em: 2 fev. 2023
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. Porto Alegre, **Movimento**. vol. 27, p.e27001. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>. Acesso em: 2 fev. 2023
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. São Paulo, **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. vol. 19, n. 2, p. 143-151. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005>. Acesso em: 2 fev. 2023
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; RISTOW, Renato Weiler; GLITZ, Ana Paula. O abandono do trabalho docente em aulas de educação física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar. Buenos Aires, **Educación Física y ciencia**. vol., 15, n. 2, p. 00. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2314-25612013000200002&lng=es&tlng=en](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2314-25612013000200002&lng=es&tlng=en). Acesso em: 2 fev. 2023
- JACO, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física. Belo Horizonte, **Educação em foco**. vol.22, n.1, p. 155-181. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22195/2447-524620172219899>. Acesso em: 2 fev. 2023
- DE LAURETIS, Teresa. **Technologies of gender. Essays on theory, film, and fiction.** Indiana University Press, 1987.
- MACEDO, Christiane Garcia; BERTÉ, Isabela Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. História oral na era digital: a experiência do projeto Garimpando memórias. **História Oral**. vol.19, n.1, p.41-58. 2016. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/629>. Acesso em: 2 fev. 2023.

- MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; MORAES, Claudia; ALMEIDA, Ueberson; ALMEIDA, Felipe Quintão. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. Porto Alegre, **Movimento**. vol. 16, n. 2, p. 129-147. 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115316043007>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- MARIANO, Marina; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas? Campinas, **Cadernos pagu**. vol.000, n.46, p. 411-438. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201600460411>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- MEYER, Dagmar Estermann; SILVA, André Luiz dos Santos. Gênero, cultura e lazer: potências e desafios dessa articulação. Belo Horizonte, **LICERE-Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação**. vol. 23, n. 2, p. 480-502. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.24092>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. Brasília, **Revista brasileira de enfermagem**. vol. 57, n.1, p. 13-18. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000100003>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- RIBEIRO, Sabrina Silva. **Brinquedos e brincadeiras: de meninos ou de meninas?**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Centro Universitário de Formiga, Curso de Pedagogia, Pedagogia: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Formiga, 2018.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre, **Educação & realidade**. vol. 20, n. 2, p. 71-99. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- SILVA, André Luiz dos Santos; DIEDER, Janaina Andretta; DULLIUS, Rafael Goulart; SANFELICE, Gustavo Roese. “Isso é Cris Ronaldo”: Representações de masculinidade na Copa do Mundo do Jornal Folha de São Paulo. Buenos Aires, **Educación Física y Ciencia**. vol. 23, n.1, p.e163. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/https://doi.org/10.24215/23142561e163>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- SILVA, André Luiz dos Santos; MEYER, Dagmar; RIEGEL, Roberta Plangg. Gênero, mulher, crime e violência. Natal, **Educação em Questão**. vol. 59, n. 59, p.1-22. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n59ID24637>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Campinas, **Cadernos Cedes**. vol. 19, n. 48, p. 52-68. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100004>. Acesso em: 2 fev.2023.
- SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. Rio Claro, **Motriz**. vol. 8, n. 1, p. 1-9. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/6489>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- VIANA, Aline Edwiges; ALTMANN, Helena. Meninas e meninos em campo: experiências com o jogo em uma escola de futebol. Viçosa, **Revista Mineira de Educação Física**. vol. 23, n. 1, p. 113-122. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revminef/article/view/10015>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. São Paulo, **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. vol. 27, n. 01, p. 117-128. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000100012>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- YIN, Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

## NOTAS DE AUTOR

**AGRADECIMENTOS** - Não se aplica

**CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA** - Não se aplica

### FINANCIAMENTO

Este artigo integra as ações do projeto de extensão “Futebol e Mulheres – conhecer para reconhecer” (ESEFID/UFRGS), financiado pelo Ministério da Cidadania por meio do programa Academia & Futebol da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor.

**CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM** - Não se aplica.

**APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA** - Não se aplica.

**CONFLITO DE INTERESSES** - Não se aplica

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

### EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira

### REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

### HISTÓRICO

Recebido em: 11 de abril de 2022

Aprovado em: 29 de dezembro de 2022